



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA - CAMPUS I
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS

ZENILDA FERREIRA DA FONSÊCA

A PRESENÇA DO AMOR NA POESIA DE FLORBELA ESPANCA

CAMPINA GRANDE - PB
2016

ZENILDA FERREIRA DA FONSÊCA

A PRESENÇA DO AMOR NA POESIA DE FLORBELA ESPANCA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para obtenção de título de Licenciatura Plena em Letras, habilitação em Língua Portuguesa, pelo Departamento de Letras e Artes do Centro de Educação da Universidade Estadual da Paraíba.

Orientadora: Profa. Dra. Rosângela Maria Soares de Queiroz.

**CAMPINA GRANDE - PB
2016**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL – UEPB

F676p Fonsêca, Zenilda Ferreira da
 A presença do amor na poesia de Florbela Espanca
 [manuscrito] / Zenilda Ferreira da Fonsêca. - 2016.
 14 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2016.

"Orientação: Profa. Dra. Rosângela Maria Soares de Queiroz,
Departamento de Letras e Artes".

1. Poema. 2. Literatura portuguesa. 3. Poesia feminina. 4.
Florbela Espanca. I. Título.

21. ed. CDD P869.1


ZENILDA FERREIRA DA FONSECA


A PRESENÇA DO AMOR NA POESIA DE FLORBELA ESPANCA


Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para obtenção de título de Licenciatura Plena em Letras, habilitação em Língua Portuguesa, pelo Departamento de Letras e Artes do Centro de Educação da Universidade Estadual da Paraíba,

Aprovada em: 08/09/2016.

BANCA EXAMINADORA

 Nota: 8,0
Profª. Dra. Rosângela Maria Soares de Queiroz -UEPB
(Orientadora)

 Nota: 8,0
Francisca Zuleide Duarte de Souza - UEPB
(Examinador)

 Nota: 8,0
Ana Lúcia Maria de Souza Neves - UEPB
(Examinador)

Média: 8,0

CAMPINA GRANDE – PB

2016

Ao meu DEUS, que esteve comigo em todos os momentos, dando-me força para vencer os obstáculos.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, a Deus, por mais uma etapa de vitória em minha vida, apesar de todas as dificuldades.

À minha família, esposo e filhos, que sempre me apoiaram e me incentivaram nessa caminhada.

À minha orientadora, Rosângela Queiroz, pela atenção e paciência; e por quem tenho muito apreço.

À minha amiga Gorette Andrade, pelo apoio na realização deste trabalho.

À Universidade Estadual da Paraíba.

Aos professores do curso de Letras – Língua Portuguesa.

Aos professores examinadores deste trabalho: Francisca Zuleide Duarte de Souza e Ana Lúcia Maria de Souza Neves.

E a todos(as) os(as) que, direta ou indiretamente, contribuíram para minha formação.

“Ainda que eu falasse a língua dos homens e dos anjos e não tivesse amor, seria como o metal que soa ou como o sino que tine” (I CORÍNTIOS 13,1).

A PRESENÇA DO AMOR NA POESIA DE FLORBELA ESPANCA

Zenilda Ferreira da Fonsêca¹

RESUMO

Florbela Espanca é um dos grandes nomes da literatura portuguesa, sendo reconhecida pela sensibilidade de seus versos. Tendo sua vida marcada por acontecimentos tristes, a poetisa transforma em poesia todos os seus sentimentos (e não somente seus), com naturalidade e expressividade, não se deixando influenciar por opiniões alheias. Contudo, o aspecto marcante da sua poesia é o amor, revelando, nas entrelinhas dos versos, o desejo de amar e ser amada. Nessa perspectiva, é objetivo deste trabalho mostrar a presença do amor na poesia de Florbela Espanca, tomando para discussão alguns poemas que revelem a temática em questão. Para isso, partimos de um levantamento bibliográfico, dialogando com as reflexões de autores como Moisés (1974), Ledo (2001), Rodrigues (2014) e outros. Com base nas discussões, verificamos que, apesar do preconceito da sociedade da época, Florbela Espanca conseguiu dar continuidade à sua obra literária, transmitindo aos leitores suas angústias, alegrias, desejos e tantos outros sentimentos, sem receio de ser julgada.

Palavras-Chave: Poema, Poesia feminina portuguesa, Autor x influências exteriores.

THE PRESENCE OF LOVE IN FLORBELA ESPANCA'S POETRY

ABSTRACT

Florbela Espanca is one of the greatest names of Portuguese literature, widely recognized by the sensitivity of her verses. As her life was marked by sad events, the poet turned into poetry all her feelings, (and not only hers), naturally and expressively, without allowing the influence of others' opinions. However, the striking aspect of her poetry is love, revealing between the lines a Strong desire of loving and being loved. In this perspective, the principal aim of this article is to show this very presence of love in Florbela Espanca's poetry, by analysing two poems that discuss the theme in question. For this, we start dialoging with some authors who reflect about Portuguese poetry, such as Moisés(1974), Ledo (2001) e Rodrigues (2014) among others. Based on these discussions, we have concluded that, despite the prejudice of the society of her time, Florbela Espanca managed to construco a strong and coherent discourse about love, conveying to critics and readers her anxieties, joys, desires and so many other feelings, having no fear of being judged.

Keywords: Poem, Female Portuguese poetry, Author x external influences.

1 INTRODUÇÃO

¹ Aluna do curso de Letras (Língua Portuguesa) da Universidade Estadual da Paraíba – Campus I.

Partindo da concepção de Candido (2004), entendemos a literatura como uma forma de humanização, uma vez que, por meio dela, podemos refletir sobre a existência humana, em todas as suas perspectivas. Diante disso, é preciso estar aberto às possibilidades de sentidos que as palavras podem assumir em determinado (con)texto literário. Tais possibilidades são permitidas pela poesia, a qual é responsável pela materialização daquilo que está no íntimo de cada um de nós; afinal, poesia é expressividade também.

No âmbito literário, o gênero lírico põe em evidência toda essa expressividade, pois a sensibilidade está presente tanto nos versos, como também na linguagem subjetiva de seus criadores. Para Silva (1990, p. 09), “especialmente na poesia lírica, também ocorre um processo de libertação porque é de sua essência buscar a expressão do indizível”. Desse modo, podemos dizer que os diversos autores, canônicos e contemporâneos, se utilizam da poesia para transformar em versos os ditos e não ditos.

Dentre os nomes mais relevantes da literatura, destaca-se Florbela Espanca, uma poetisa nascida no final do século XIX que, embora inserida no modernismo português, recebe influências de épocas literárias e de autores distintos, a exemplo da obra simbolista de Antônio Nobre (expressando a dor, o pessimismo, a morte e o isolamento do mundo); da poesia realista de Antero de Quental (valorizando-se a dor existencial e a visão pessimista do mundo, além da adoção da forma de sonetos); dentre outros, o que reafirma a ideia de que não existe poesia pura.

Nas palavras de Moisés (1974), a poesia de Florbela é produto de uma sensibilidade exacerbada em tom confessional, no sentido em que, muitas vezes, expõe explicitamente suas experiências sentimentais, dotadas de sensualismo. Considerada a figura feminina mais importante da Literatura Portuguesa, sua obra ultrapassou seu tempo, perdurando até hoje na memória social e intelectual. E uma vez que sua poesia prima pela sensibilização do leitor, ao evidenciar as diferentes formas de amar, este trabalho dedica-se a explorar o lirismo presente em alguns poemas da escritora. De modo geral, objetivamos analisar a presença do amor na poesia de Florbela (nos sonetos “Amar!” e “Amor que morre”), destacando o sentimentalismo feminino diante de relações afetivas não correspondidas.

Para o enriquecimento de nossas discussões, buscamos dialogar (através de levantamento bibliográfico) com alguns autores que versem sobre a literatura de Florbela Espanca e toda a sua história de vida e arte. As contribuições teóricas revelam que, em Florbela, a temática do amor associa-se ao erotismo, angústia, dor, saudade e ousadia; aspectos que cooperaram para a não aceitação da sua poesia pela sociedade da época.

2 FLORBELA ESPANCA: A VIDA NA POESIA

Em artigo publicado na revista *Culti* – edição 153 –, Gustavo Ranieri (2010), citando a pesquisadora da UNESP, Renata Soares Junqueira; aponta que, durante muitos anos, grande parte da crítica literária acostumou-se em identificar os aspectos biográficos da vida de Florbela em toda a sua obra poética, resultando em uma confusão entre ficção e realidade. A pesquisadora chama atenção para o fato de que, embora a obra de Florbela seja influenciada por sua trajetória, vida e obra não podem ser confundidas em sua totalidade.

Considerando que, embora influenciada por outros autores, Florbela construiu sua própria linguagem literária, destacando-se no âmbito da literatura pela ruptura da tradição artística de seu tempo, uma vez que suas ideias eram avançadas no tempo; destacamos alguns aspectos da sua vida pessoal que transcenderam à sua poesia, pois é inegável que em seus escritos não sejam revelados traços de sua intimidade.

De acordo com Ledo (2001), Florbela d'Alma da Conceição Lobo Espanca nasceu em 1894, em Vila Viçosa (Alentejo), lugar onde escreveu seu primeiro poema, denominado “A vida e a morte”. Florbela tinha apenas 08 anos quando, já dividida existencialmente, materializou sua primeira obra, demonstrando desde cedo o grande dom que tinha ao lidar com as palavras. Gustavo Ranieri (2010) ressalta que a história de Florbela não se reduz somente ao sofrimento (embora ela tenha optado por passar essa imagem – de mulher triste e abandonada – para o leitor), pois também teve a oportunidade de experimentar as alegrias próprias de qualquer ser humano, compartilhando a vida com seus familiares, quando ainda vivia na cidade de Viçosa.

Florbela era filha de Antônia da Conceição Lobo (sua mãe de sangue), Mariana Toscano (sua mãe de criação) e João Maria Espanca. Apesar do convívio com a mãe biológica não tinha intimidade com a mesma, já com o pai e o irmão mantinha laços afetivos muito estreitos. Com o seu pai dividia o gosto pela fotografia e pelo irmão nutria um amor sem medida. No prefácio do livro “Poesia de Florbela Espanca”, Laury Maciel (2010) tece algumas considerações relevantes sobre a trajetória de Florbela. Segundo ele, Florbela concluiu o curso secundário em Évora, onde escreveu poemas que só foram publicados postumamente, em um volume intitulado “Juvelínea”, publicado em 1931 (MOISÉS, 1974).

É também em Évora que a poetisa conhece seu primeiro marido, Alberto Coutinho, com o qual casa-se em 1913, aos 19 anos de idade. O casamento, porém, não correu conforme o esperado, resultando em uma problemática vida a dois. E tendo em vista o insucesso do matrimônio, Florbela vai estudar direito em Lisboa, em 1919, ano em que publicou sua

primeira coletânea intitulada “Livro de Mágoas” e, anos depois, o “Livro de Soror Saudade”. Nessa época, a poetisa se divorcia de seu primeiro marido, o mesmo acontece com seu segundo casamento.

Tais decepções amorosas, juntamente com os primeiros sinais de uma doença hereditária, fizeram Florbela isolar-se do convívio social, até que decide se casar pela terceira vez, em 1925; mesmo que essa atitude lhe custasse o aumento do preconceito que já vinha sofrendo pela sociedade. Para Ledo (2001), Florbela continuou demonstrando em versos todas as fases dos seus problemas sentimentais e existenciais, mesmo sabendo das reações negativas. Seu último relacionamento, no entanto, não durou muito tempo, sendo interrompido em 1930, ano em que Florbela chega ao final da sua vida. Segundo Moisés (1974), não se sabe ao certo se a morte foi um acidente ou mesmo uma atitude suicida.

Vale lembrar que, além da censura relativa aos casamentos de Florbela, a sociedade não aceitava o fato de que uma mulher vivesse uma vida boemia, nem que escrevesse versos que retratassem tão explicitamente sua intimidade. Nas palavras de Moisés (1974, p. 356), “a poetisa, como a desnudar-se por dentro, sem pejo ou preconceito de nenhuma espécie, põe-se a confessar abertamente as suas íntimas emoções de mulher apaixonada”. A partir do “Livro de Soror Saudade”, Florbela passa a expressar suas emoções por meio de sonetos que, como vimos anteriormente, foi uma das influências de Antero de Quental. Em apenas dois quartetos e dois tercetos, a poetisa portuguesa revela seus dramas e conflitos íntimos.

Erótica e emocionalmente insatisfeita, sofre porque a sociedade não lhe compreende o conflito interior, e põe-se a escorraçá-la para querer a realização de apetências que catalogam de imorais, sem lhes compreender o alcance e a altitude. Mais, porém, que a hipócrita condenação social, faz sofrer à poetisa a ausência dum “outro”, ou melhor, do “Outro”, para lhe satisfazer a procura dum amor mais forte que a vontade e as convenções burguesas (MOISÉS, 1974, p. 357).

Com a publicação do referido livro, em 1923, a crítica dividiu opiniões acerca do conteúdo. Conforme Rodrigues (2014), por um lado, o livro foi considerado amargo, porém terno e transmissor de bondade; por outro lado, foi considerado imoral.

Esse ataque ferrenho da crítica à obra de Florbela Espanca apresenta-se devido ao fato de a poetisa apropriar-se de um discurso propriamente masculino – a vassalagem amorosa –, para expressar os íntimos sentimentos e sensações de uma mulher apaixonada, afastando-se do padrão de passividade ligado à maioria das mulheres e aceitável pela sociedade (RODRIGUES, 2014, p. 11).

Existem relatos de que Florbela chegou a ser apedrejada por estar trajando uma saia-calça, algo extravagante para o seu tempo. Entendemos que essa descriminação à Florbela, não se distancia do nosso tempo, pois hoje o preconceito está por todos os lados; julga-se o outro por sua maneira de ser, de pensar e de agir. Para Florbela, entretanto, não importava as opiniões contrárias a ela, apenas escrevia o amor da forma que lhe convinha. Além das obras já citadas, destacam-se “Reliquiae” (1931); “Charneca em Flor” (2ª ed., 1931); “As Máscaras do Destino” e “Dominó Negro” (ambos de 1931).

3 O AMOR EM POESIA

Neste tópico, discutimos a expressão do amor em dois sonetos de Florbela Espanca, extraídos do livro “Poesia de Florbela Espanca”, edição 2010. O primeiro é o célebre soneto “**Amar!**” e o segundo chama-se “**Amor que morre**”; duas obras que demonstram a singeleza melancólica da sua poesia, bem como suas habilidades artísticas.

Amar!

Eu quero amar, amar perdidamente!
 Amar só por amar: Aqui... Além...
 Mais este e aquele, o Outro e toda a gente
 Amar! Amar! E não amar ninguém!

Recordar? Esquecer? Indiferente!...
 Prender ou desprender? É mal? É bem?
 Quem disser que se pode amar alguém
 Durante a vida inteira é porque mente!

Há uma primavera em cada vida:
 É preciso cantá-la assim florida,
 Pois se Deus nos deu voz, foi pra cantar!

Ese um dia hei de ser pó, cinza e nada
 Que seja a minha noite uma alvorada,
 Que me saiba perder... pra me encontrar...

(In: Poesia de Florbela Espanca, 2010, p. 80)

Neste soneto, o amor é expresso de forma libertária e erótica (embora permaneça no plano do desejo, da possibilidade), isso se considerarmos o contexto em que ele foi escrito; além disso, percebe-se certa ousadia nos versos, pois a figura feminina não costumava expor sua imagem, dizendo-se “Amar perdidamente!”, nem na possibilidade desse amor não ser restrito a apenas um. Quebrando todos os tabus, Florbela manifesta através do eu lírico que a

mulher poderia amar quem bem entendesse (“Este”, “Aquele”) sem, no entanto, ter a obrigação de necessariamente se prender a alguém. Se relacionarmos esse fato à vida da autora, podemos inferir que se trata de uma referência aos três amores de Florbela; por meio dos quais ela amou e se desiluiu. Ou seja, tendo se apaixonado várias vezes, está decepcionada, e não crer que se possa amar uma única pessoa por toda a vida. Ao analisar esse mesmo soneto, Rodrigues (2014) sugere que esse “Amar perdidamente!” também pode ser referido ao desejo de se vivenciar o amor de forma livre, sem nenhum tipo de imposição de regras.

Na segunda estrofe, o eu lírico demonstra que não sabe se vale à pena lembrar, esquecer ou ficar indiferente, demonstrando que o amor eterno não existe. Com essa desilusão, já não tem certeza se o amor faz bem ou mal, pelo fato de ser tantas vezes desiludida por esse sentimento.

Na terceira estrofe, acredita-se que há uma fase da vida em que se é feliz. Desse modo, quando se diz: “Há uma primavera em cada vida”, se está querendo dizer que cada ser humano tem a oportunidade de viver um grande amor, embora este não seja eterno. Os versos revelam que o amor deve ser vivenciado intensamente, é preciso amar e ser amado, é preciso aproveitar a oportunidade dada por Deus (“Pois se Deus nos deu voz, foi pra cantar!”).

Na quarta e última estrofe, o eu lírico demonstra a angústia de que tudo na vida é uma passagem e que, por isso mesmo, deve-se buscar constantemente o novo; pois se um dia se há de morrer que se viva o agora, seja ele triste ou alegre. Para Rodrigues (2014, p. 15), no poema “Amar!”, juntamente com a “impossibilidade de achar satisfação no amor, [...] o eu lírico assume-se como uma mulher instável e ambiciosa e sai à procura de um novo amor”.

Quanto à estrutura, o poema é formado por 14 versos, 2 quartetos e 2 tercetos, caracterizando-se como um soneto. A poetisa segue os padrões rítmicos: ABAB, ABBA, CCD, CCD.

Como vimos, a presença do amor na obra de Florbela é uma constante, como também a angústia. Amor e angústia andam lado a lado, tanto na vida da poetisa como na obra. Neste poema intitulado “**Amor que morre**”, percebe-se que se trata de uma grande desilusão amorosa.

Amor que morre

O nosso amor morreu... quem o diria!
Quem o pensara mesmo ao ver-me tonta,
Ceguinha de te ver, sem ver a conta
Do tempo que passava, que fugia!

Bem estava a sentir que ele morria...
 E outro clarão, ao longe, já desponta!
 Um engano que morre... e logo aponta
 A luz doutra miragem fugidia...

Eu bem sei, meu Amor, que pra viver
 São precisos amores, pra morrer
 E são precisos sonhos pra partir.

Eu bem sei, meu Amor, que era preciso
 Fazer do amor que parte o claro riso
 Doutro amor impossível que há de vir!

(In: Poesia de Florbela Espanca, 2010, p. 139)

No primeiro verso, logo na primeira frase revela-se uma profunda angústia, algo que não se imaginaria acontecer, como nos mostra o verso “O nosso amor morreu... quem o diria!”. Percebe-se que as reticências indicam uma pausa, remetendo às lembranças antigas do eu lírico; além disso, o sinal exclamativo revela a surpresa da constatação de algo inesperado. A primeira estrofe do poema nos faz entender que o eu lírico se refere à sua primeira paixão arrebatadora (que a deixava cega e tonta), que chegou ao fim inesperadamente.

Na segunda estrofe, algo lhe desperta. Na realidade, o eu lírico afirma que, mesmo inesperada, essa constatação já vinha sendo pressentida, “ao longe”. Após a desilusão, aquele amor supostamente arrebatador passa a ser considerado um engano, uma miragem, algo irreal. Nesse momento, renova-se a esperança de amar novamente outra pessoa e, mais do que isso, intensifica-se na poesia a busca incessante de Florbela pelo amor.

Na terceira estrofe, uma certeza é incontestável: para tudo tinha que haver amor (para viver, para morrer, para partir e para sonhar). Para finalizar, na última estrofe revela-se a certeza de que a busca pelo amor sempre vai existir, pois quando um amor acaba nasce outro em seu lugar. Para o eu lírico (e para Florbela), essa é a lei que rege esse sentimento impossível chamado amor.

Quanto à estrutura, também se trata de um soneto, formado por 14 versos, 2 quartetos e 2 tercetos, com rimas: ABBA, ABBA, CCD, EED.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, buscamos demonstrar como a poetisa Florbela Espanca se utiliza de seus dons artísticos para expressar seus sentimentos, sobretudo o amor, característica

essencial da sua obra. Assim como tantos outros autores, a poesia de Florbela também foi influenciada, o que não a impediu de criar uma linguagem própria, nem de se tornar a principal figura feminina no âmbito da literatura portuguesa.

As discussões levantadas ao longo do nosso trabalho apontam para a força de uma mulher que, apesar dos preconceitos, incompreensão e desprezo da sociedade de seu tempo, continuou produzindo sua obra, a qual é passada de geração para geração. Florbela enfrenta o machismo de uma sociedade acostumada à submissão feminina e, rompendo com as tradições, dá voz a seus versos, mostrando que a mulher também tem desejos e sentimentos.

Os sonetos analisados revelam a sensibilidade de uma mulher em tom confessional. A “poesia-confissão”, tal como aponta Moisés (1974), contribuiu para que muitos aspectos da vida de Florbela fossem transpostos para seus próprios versos; marcados pela tristeza, desilusão, sensualidade e desejos múltiplos; tudo isso resultante da sua busca incansável pelo amor.

REFERÊNCIAS

CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. 4. ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Duas Cidades/Ouro sobre Azul, 2004.

ESPANCA, Florbela. **Poesiade Florbela Espanca**. MACIEL, Laury (prefácio). Porto Alegre: L & PM, 2010.

LEDO, Teresinha de Oliveira. **Manual de literatura**: literatura portuguesa, literatura brasileira. LEDO, Teresinha de Oliveira; MARTINS, Patrícia. São Paulo: DCL, 2001.

MOISÉS, Massaud. **A literatura portuguesa**. São Paulo: Cultrix, 1974.

MACIEL, Maury. Tormento do ideal (prefácio). *In*: **Poesia de Florbela Espanca**. Porto Alegre: L & M, 2010, p. 05-11.

RANIERI, Gustavo. **Florbela Espanca**: um amar perdidamente. Revista Cult, São Paulo, ed. 153, 2010.

SILVA, ZinaBellodi. **A lírica de Florbela Espanca**. Itinerários – Revista de literatura da UNESP, Araraquara, v. 1, 1990, p. 06-26.